

Nely Nyaka (com Gita Honwana Welch).***Mahanyela: a vida na periferia da grande cidade.*****Maputo: Marimbique, 2018.**

A visibilidade-invisibilidade das mulheres negras na luta política em Moçambique conhece uma nova faceta com a publicação da história da vida de Nely Nyaka (Vovó Nely) na primeira voz; intitulado *Mahanyela: a vida na periferia da grande cidade*, este livro sai. Publicado com a chancela da editora Marimbique, este livro regista as memórias vividas e críticas de uma mulher que atravessa o longo século XX. O livro abre com o lugar e o tempo onde tudo começou: “Eu nasci em KaTembe, a 2 de Novembro de 1920, um domingo, às 11 horas da manhã. A minha mãe chamava-se Jinita Libombo e o meu pai Jeremia Dick Nyaka. Os meus pais conheceram-se em KaTembe, onde ambos cresceram e frequentavam a mesma Igreja. Foi lá que eles se casaram, e tiveram os primeiros dois filhos: o meu irmão Daniel e eu. Tiveram ao todo sete filhos, quatro rapazes e três meninas.” De acordo com estas memórias, o ativismo e a presença política de Nely Nyaka cedo se iniciaram, primeiro na Igreja Metodista Wesleyana e, mais tarde, no Instituto Negrófilo (posteriormente renomeado Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique), organização de que o seu pai foi sócio-fundador. Em 1939 casou-se com Raul Bernardo Honwana; o casal foi viver para a Moamba, onde nasceram vários dos seus oito filhos. As referências aos múltiplos episódios que recorda desta vivência estão presentes nos dezasseis capítulos que compõem este livro, o qual integra também uma curta introdução escrita por uma das filhas de Nely Nyaka (por Gita Honwana Welch), assim como um anexo rico em imagens que ajudam a apreciar os vários sujeitos e as várias épocas que o livro abarca. Praticamente metade do livro incide sobre a infância e os primeiros anos da vida de casada da autora, incluindo uma descrição detalhada da sua família e amigos, com enfoque na Lourenço Marques (atual Maputo) dessa altura. Nely Nyaka oferece-nos um retrato da periferia, da “nossa cidade”, de como se vivia então, incluindo uma digressão de carácter etnográfico sobre o namoro, o casamento, filhos, etc. O livro continua com um retrato detalhado da vida nas “terras do Sabié”, para onde o seu marido havia

sido transferido, para depois se centrar nas alterações políticas que aconteceram com a crescente oposição nacionalista em Moçambique. A segunda parte do livro inscreve-se neste ambiente de crescente perseguição política. À prisão do seu marido, um episódio que a marca profundamente, segue-se o regresso a Lourenço Marques e a prisão do seu filho, Luís Bernardo Honwana. Os capítulos que se seguem descrevem já a transição para a independência e as ‘coisas da revolução’. Os capítulos finais são como uma reflexão sobre esta viagem no íntimo vivido de Nely Nyaka, onde se destaca a ‘nossa língua e a nossa cultura’ e as ‘viagens que enriqueceram a minha vida’.

No caso moçambicano, uma das suas especificidades no campo da escrita memorialista é a existência de um acervo já importante de trabalhos, com enfoque sobretudo nas experiências históricas relacionadas com as lutas emancipatórias ao longo das últimas cinco a seis décadas. No entanto, aqui também, menos atenção tem sido dada ao papel indispensável das mulheres nas lutas pela libertação nacional e os seus esforços contínuos, no presente século, pela emancipação da mulher. Este livro vem preencher uma parte deste hiato. O título destas memórias remete para a experiência de vida, para a forma de ser e estar; a prática, a vivência cultural de Nely Nyaka, é expressa através do termo ‘Mahanyela’, em xironga, sua língua materna, que usou no trato com muitas das pessoas com quem tem convivido. Esta obra dialoga, por exemplo, com vários episódios da economia política das mobilizações das mulheres em Moçambique, incluindo referências à sua presença em múltiplos movimentos sociais que marcam o teatro político nacional, do Centro Associativo dos Negros de Moçambique (de que participam vários familiares e amigos seus) à Organização da Mulher Moçambicana, já após a independência, ou ainda a associação Pfunu, dedicada à luta contra a pobreza e a miséria das crianças órfãs, de que é uma das fundadoras; contém igualmente referência a vários episódios, individuais e coletivos, de resistência e de luta contra o moderno colonialismo. E inclui, sobretudo, duas facetas menos presentes em muita da literatura memorialística: por um lado uma atenção especial é dada às amizades e aos afetos; por outro lado a autora, que dialoga em vários momentos com as *Memórias* de seu marido, Raul Bernardo Honwana (publicadas pela primeira vez em 1985), retoma temas com um cunho distinto, enriquecendo com a sua visão e análise pessoal a descrição do período que o livro cobre, centrado no Sul de Moçambique. Aqui é de destacar uma visão crítica sobre vários dos excessos políticos, sobre a repressão exercida pelo partido-estado da FRELIMO sobre vários sujeitos políticos.

Uma das reflexões em que Nely Nyaka insiste nesta obra é sobre a importância da “língua da terra” e do respeito mútuo pelas culturas em presença, onde “ninguém contestava o princípio que a cultura local era a base da comunidade”, associadas ao “respeito de toda a gente”.

Mas se estas eram as regras que regiam os espaços e afectos na zona da periferia”, nos lugares públicos “o racismo era um facto de todos os dias, mesmo os europeus com quem nos dávamos” faziam questão de deixar claro qual era o lugar dos africanos no contexto colonial. Todavia esta discriminação chocante reforçou o desejo de emancipação, que se ia alargando através de uma leitura política atenta das transformações do mundo.

Desde cedo as mulheres africanas se envolveram na luta contra a presença colonial, ao mesmo tempo que procuravam ocupar um lugar mais central na vida familiar e social. Como o livro destaca, ao longo do século XX, as mulheres resistiram às políticas do domínio colonizador-colonial europeu sob o domínio português. E foram, muitas delas, formando-se politicamente na luta contra o colonialismo, quer através de núcleos religiosos, quer do NESAM, Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique, ou do Centro Associativo, pilares fundamentais do fermentar da ideia de luta contra o colonialismo. E esta luta trará luto a muitas situações, com a polícia política portuguesa a perseguir, a matar e a fazer desaparecer muitos nacionalistas que Nely Nyaka conheceu. Por isso a dor de ter um filho preso político trespassa parte importante do livro. Foi também uma época de “generosidade e solidariedade”, como sublinha.

O precipitar da independência acontece em 1974, associado a varias peripécias políticas que a autora destaca, para referir como a independência, em 1975, significou o regresso de três dos seus filhos a Moçambique, os quais se tinham juntado ao movimento nacionalista, a FRELIMO. Os últimos capítulos do livro refletem já os anos revolucionários, sendo de sublinhar a crítica que a autora faz, com legitimidade argumentativa, da política cega de nacionalização de habitações. Como a autora sublinha, quando se falou da nacionalização dos prédios de rendimento “toda a gente apoiou, porque era a forma de moçambicanizar uma cidade, que por racismo, mantinha de fora todos os que não eram brancos”. Mas quando se soube que a nacionalização abrangia, também, as barracas de construção precária, “ninguém compreendeu”, pois “as barracas eram o principal recurso de que dispunham as famílias africanas” para completar o parco salário. Este é um dos exemplos citados pela autora de uma política que não teve em conta os anseios e os dilemas que os moçambicanos experimentavam. Muitos

foram os percalços que a vida colocou no caminho de Nely Nyaka, que da sua casa em Maputo escreveu estas memórias sobre a sua vida, a sua cultura, a sua luta. Parafraçando Neruda, Nely Nyaka confessa que viveu, nesta obra de cariz autobiográfico, que importa ler.

MARIA PAULA MENESES É investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.